



PRIMEIROS PASSOS: APROPRIAÇÕES DE F. J. J. BUYTENDIJK NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

First steps: appropriations of F. J. J. Buytendijk in Brazilian Physical Education

Primeros pasos: apropiaciones de F. J. J. Buytendijk en la Educación Física brasileña

GILSON SANTOS RODRIGUES*
ELOISA ROSOTTI NAVARRO**
ROGÉRIO DE MELO GRILLO***

Resumo: Embora haja raras menções, F. J. J. Buytendijk é um autor desconhecido na Educação Física brasileira. O objetivo do presente estudo foi articular uma aproximação das ideias de F. J. J. Buytendijk com a área da Educação Física. Inicialmente foi feito um resumo biográfico da eclética trajetória do pensamento do autor. Em seguida, conduziu-se uma revisão da Teoria do Se-Movimentar Humano (TSMH), na qual Buytendijk desfruta de papel destacado, embora, suas ideias não sejam aprofundadas pelos estudos da área. *A posteriori*, é apresentada sua Teoria Geral e sua Antropologia de jogo. Autores da Educação Física tem se apropriado tão-somente da última e de forma restrita, isto é, desconsiderando as contribuições da Teoria Geral de Jogo e a plenitude das ideias da Antropologia de Jogo. Por fim, argumentamos sobre a relevância de se estudar Buytendijk na Educação Física brasileira e, sobretudo, defendemos que as ideias do pensador holandês precisam ser mais bem estudadas e contextualizadas nas pesquisas nacionais, dado que a riqueza de suas teorizações pode contribuir com essa área tanto em investigações temáticas quanto no itinerário metodológico de pesquisas nesse mote.

Palavras-Chaves: Educação Física; Movimento; Teoria do Jogo.

Abstract: Although there are rare mentions, F. J. J. Buytendijk is an unknown author in Brazilian Physical Education. The objective of the present study was to articulate an approximation of the ideas of F. J. J. Buytendijk with the area of Physical Education. Initially, a biographical summary of the eclectic trajectory of the author thought was made. After, a review of the Theory of Human Movement (THM) was carried out, in which Buytendijk enjoys an outstanding role, although his ideas are not deepened by studies in the area. *Posteriori*, its General Theory and its Play Anthropology are presented. Authors of Physical Education have appropriated only the latter and in a restricted way, that is, disregarding the contributions of the General Play Theory and the fullness of the ideas of Play Anthropology. Finally, we argue about the relevance of studying Buytendijk in Brazilian Physical Education and, above all, we defend that the ideas of the Dutch thinker need to be better studied and contextualized in national research, because of the richness of his theorizations can contribute with the area both in thematic investigations as well as in the methodological research itinerary in this scope.

Keywords: Physical Education; Movement; Theory of Play.

Resumen: Aunque hay pocas menciones, F. J. J. Buytendijk es un autor desconocido en Educación Física brasileña. El objetivo del presente estudio fue articular una aproximación de las ideas de F. J. J. Buytendijk con el área de Educación Física. Inicialmente se hizo un resumen biográfico de la eclética trayectoria del pensamiento del autor. Luego, se realizó una revisión de la Teoría del Movimiento Humano (TSMH), en la que Buytendijk disfruta de un papel destacado, aunque sus ideas no son profundizadas por estudios en el área. Después, se presenta su Teoría General y su Antropología del Juego. Los autores de Educación Física se han apropiado sólo de esta última y de forma restringida, es decir, desconociendo los aportes de la Teoría General del Juego y la plenitud de las ideas de la Antropología del Juego. Finalmente, argumentamos sobre la relevancia de estudiar Buytendijk en la Educación Física brasileña y, sobre todo, defendemos que las ideas del pensador holandés deben ser mejor estudiadas y contextualizadas en la investigación nacional, dado que la riqueza de sus teorizaciones puede contribuir a esto área tanto en las investigaciones temáticas como en el itinerario de investigación metodológica en este ámbito.

Palabras claves: Educación Física; Movimiento; Teoría de los Juegos.

* Doutorando em Educação Física, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil. Email: gio.sts.rodrigues@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1472-2480>

** Doutoranda em Educação, Matemática e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil. Email: eloisa-rn@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4528-2294>

*** Pós-Doutorado em Educação Científica e Tecnológica, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Doutorando em Educação Física, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil. Email: rogerio.grillo@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2859-7326>



Introdução

Na segunda metade do século XIX e na primeira metade do XX, Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão, iniciava as proposições da Fenomenologia, “movimento” filosófico que atraiu a atenção de vários pensadores, de Heidegger a Fink (na Alemanha), de Sartre a Merleau-Ponty (na França), entre outros (Depraz, 2011). Na Holanda um dos estudiosos que se apoiou na Fenomenologia para arquitetar suas ideias no âmbito da Medicina, Psicologia, Fisiologia etc., foi Frederik Jacobus Johannes Buytendijk (1887-1974). Médico de formação, professor universitário, estudioso de temas variados (que lhe fez romper com diversas fronteiras disciplinares) e um amante da filosofia, notadamente, da Fenomenologia francesa de Merleau-Ponty, Buytendijk pode ser considerado um intelectual de pensamento eclético o que lhe permitiu engendrar uma visão do humano multivariada passando do senso comum à ciência e filosofia (Stan & Hezewijk, 2012). Embora presente na sociedade europeia nesse período de ascensão da Fenomenologia na Alemanha e de concreção das ideias de Buytendijk na Holanda, Bélgica e Alemanha, os “movimentos do pensamento” que constituíram a Educação Física parecem ter ficado alheios à efervescência da Fenomenologia, sobretudo, a Fenomenologia de Buytendijk.

A Educação Física, depreendida como área de conhecimento atrelada às “pedagogias do corpo” e ao estudo das práticas da “Cultura de Movimento” (jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças e outras), logrou a atual configuração como prática social e disciplina escolar no decorrer do século XIX e início do XX, no Brasil (Castellani Filho, 1991; Cunha Jr., 2004). Embora sejam contemporâneas, indícios apontam a Educação Física pouco dialogou com a Fenomenologia, na época. Para Santos Rodrigues e Grillo (2019) apenas após a década de 1980, no Brasil, nota-se os primeiros diálogos da área com a Fenomenologia. Esses diálogos foram motivados por um “movimento de renovação” na Educação Física brasileira (Machado & Bracht, 2016) que foi fundamental para as interlocuções da Educação Física com a filosofia, ciências e artes.

Os diálogos com o campo filosófico contaram com as iniciativas de autores da filosofia do esporte e da filosofia do corpo, tais como Manuel Sérgio e Silvino Santin (Almeida, Bracht & Ghidetti, 2013). *A posteriori*, são os autores da Educação Física como Elenor Kunz, Wagner Wey Moreira, Maria Augusta Salin Gonçalves, Terezinha Petrucia da Nóbrega e outros, que endossaram as convergências com a Fenomenologia (Santos Rodrigues & Grillo, 2019). Porém, a exceção de algumas raras e esparsas menções a ideias pontuais, F. J. J. Buytendijk é um autor desconhecido na Educação Física brasileira. Não obstante a essa negligência na área, as ideias desse pensador holandês podem ser de grande valia para as reflexões na Educação Física, muito embora, Buytendijk, ao que parece, não tenha feito nenhum diálogo mais estreito com essa área.

O contato mais próximo de Buytendijk com a Educação Física, possivelmente, tenha ocorrido entre 1930 e 1933, durante o tempo em que foi presidente da Federação Internacional de Medicina do Esporte (Have & Van Der Arend, 1985). Outra aproximação foi na conferência na Academia de Educação Física de Amsterdam, em 1950, que foi, posteriormente, publicada em livro como *Das Fussballspiel: eine psychologische Studie* com tradução para o português como *Psicologia do futebol* (Buytendijk, 1953/1965). Além disso, há convergências entre Buytendijk e a Educação Física por temas de investigação em comum. Nesse sentido, embora seja formado em Medicina, o intelectual holandês atuou assiduamente no âmbito da Fisiologia, Psicologia, Antropologia e Filosofia abordando temas como o jogo/jogar, o lúdico, o movimento, o futebol etc., que fazem parte do corpo de conhecimentos estudados por professores e profissionais de Educação Física.

Visando apresentar o autor holandês, ampliar as convergências das ideias do autor junto aos estudiosos da Educação Física e, adensar o debate intelectual entorno do pensador, no presente estudo temos por objetivo geral estabelecer uma aproximação de F. J. J. Buytendijk com a área da Educação Física. Especificamente os objetivos são: apresentar a biografia do autor e sua interlocução com a Fenomenologia; revisar como os intelectuais da Educação Física brasileira, notadamente, aqueles vinculados à Teoria do Se-Movimentar Humano (TSMH) e às teorias de jogo, têm se apropriado do aporte teórico de Buytendijk; e, por fim, indicar possíveis convergências das ideias do pensador neerlandês com os estudos relacionados ao jogo, esporte, lutas, danças e ginásticas que representam o corpo de conhecimentos da Educação Física.

A relevância desse estudo decorre dos indícios que apontam que embora haja menções a Buytendijk na Educação Física brasileira, não houve um estudo sistemático e aprofundado do autor nessa área. Nesse sentido, o desconhecimento pode representar um grande empecilho às aproximações da área com a fecundidade das ideias do intelectual holandês. Do mesmo modo, trazer à luz das ideias as apropriações que têm sido feitas pelos autores da Educação Física pode indicar as insuficiências e os equívocos nesse processo e, entretantes, caminhos profícuos para estudos que podem se valer dessas convergências para a concreção de seus objetivos.

Destarte, inicialmente é feito o resumo biográfico da trajetória do pensamento do autor. Em vista disso, é tratado dos modos de apropriação que a Educação Física faz de Buytendijk, a partir da revisão da sua Teoria do Movimento, bem como da sua Teoria Geral de Jogo e da sua Antropologia do Jogo. Ambos os debates são, aos nossos olhos, as pri-



meiras interlocuções da Educação Física brasileira com Buytendijk, mas que precisam ser revisitados e ampliados. Por fim, em caráter de síntese, retomamos as ideias centrais do estudo no intuito de prospectar ideias para que os estudiosos da Educação Física estudem mais e com mais propriedade as proposições do autor holandês e, igualmente, que os estudiosos da fenomenologia construam suas asserções atentos às considerações da Educação Física. Essa articulação, embora ambiciosa, inspira-se no ecletismo e na interdisciplinaridade característicos do pensamento e da carreira de Buytendijk.

Holandês Nômade: Resumo Biográfico de F. J. J. Buytendijk

Natural de Breda, cidade ao sul da Holanda, Thines e Zayan (1975) destacam que Buytendijk teve uma extensa produção intelectual que se encerrou aos 87 anos. A miríade de interesses do autor o fez perambular por diferentes áreas de conhecimento. O próprio Buytendijk (1965) alega que em 1904 iniciou seus estudos em Medicina na *Universiteit van Amsterdam* (Universidade de Amsterdam). Em 1909 escreve sua tese de doutorado e se forma, quatro anos depois, na área de Fisiologia. Segundo Stam e Hezewijk (2012), no início de carreira Buytendijk viajou pela Europa em visita aos laboratórios de renomados fisiologistas da época. Entre as visitas estavam os laboratórios de Charles S. Sherrington (em Liverpool), John Langley e Archibald V. Hill (em Cambridge) na Inglaterra; Theodor W. Engelmann (em Berlin), na Alemanha; e, Anton Dohrn (em Nápoles) na Itália. Ao longo de seus trabalhos, Buytendijk contestou as ideias desses fisiologistas, entretanto, este início de carreira foi fundamental para as suas elaborações.

Have e Van der Arend (1985) indicam que em 1913, Buytendijk foi indicado como assistente na clínica psiquiátrica-neurológica da *Vrije Universiteit Amsterdam* (Universidade Livre de Amsterdam). No ano seguinte, de início da Grande Guerra (1914-1918), foi chamado para cumprir o serviço médico militar no Hospital de Amsterdam onde atuou na área de Psiquiatria e Neurologia. No ano seguinte, em 1914, recebeu o título de “leitor” em Biologia. Em 1917, se tornou líder e mentor do novo laboratório de Fisiologia na *Vrije Universiteit*. Após o fim da Guerra foi nomeado professor de Fisiologia Geral na *Vrije Universiteit Amsterdam*.

Nesta época, seus estudos eram sobre aspectos físico-químicos e eletrofisiológicos da vida psicológica dos animais. Apesar de um tema comum com psicólogos norte-americanos, Buytendijk estava em total desacordo com a teoria comportamentalista desenvolvida por John B. Watson nos Estados Unidos (Fagot-Largeault, 2009). Dekkers (1995, p.16) argumenta que “[d]entro de um curto período de tempo Buytendijk tornou-se conhecido como um dos principais líderes europeus da abordagem científica do comportamento animal.”¹

Em 1925, Buytendijk foi indicado para assumir o cargo de professor de Fisiologia na *Rijksuniversiteit Groningen* (Universidade de Groningen), no norte da Holanda. Na opinião de Dekkers (1995) e Stam e Hezewijk (2012), a sua palestra inicial ao assumir o cargo já indicava um interesse por questões filosóficas no âmbito da Biologia e da Psicologia. Na palestra inicial (*Over het verstaan der levensverschijnselen – Sobre a compreensão dos fenômenos da vida –*), o intelectual neerlandês “[e]nfatiza as vantagens do método fenomenológico de compreensão dos fenômenos da vida sobre os métodos de explicação causal”² (Dekkers, 1995, p.17). Para Stam e Hezewijk (2012), esse interesse pela filosofia das “coisas vivas” o levou da Fisiologia e Psicologia para a Antropologia Filosófica e Fenomenologia.

Nas décadas de 1920 e 1930, Buytendijk se ocupou cada vez mais de problemas teóricos gerais do comportamento animal e humano [...]. Seus trabalhos fenomenológicos mais conhecidos abrangem uma ampla gama de temas, como juventude, descanso, jogo e movimento³ (Dekkers, 1995, p.17).

Até a década de 1930 a noção de Fenomenologia de Buytendijk embasava-se no filósofo alemão Max Scheler. Stam e Hezewijk (2012) afirmam que Buytendijk manteve uma série de correspondências com Scheler. Uma prática comum, pois os autores indicam que Buytendijk mantinha correspondências com outros intelectuais da época como Helmuth Plessner (filósofo), Hans Driesch e Jacob John von Uexkull (biólogos); Ludwig Binswanger, Viktor von Weizsäcker e Viktor Emil von Gebattel (médicos); Jacques Maritain e Gabriel Marcel (pensadores católicos) e outros. De 1920 a 1930, o autor neerlandês lançou quatro livros sobre Psicologia Animal, quando, no fim dos anos 30, encerra suas pesquisas experimentais e se lança numa carreira diferente ao que vinha estudando nas últimas décadas (Thines & Zayan, 1975).

Durante a II Grande Guerra, mais precisamente de julho a outubro de 1942, as tropas de ocupação alemãs o mantiveram num campo de reféns cujo intuito era evitar atos de sabotagem. Buytendijk foi declaradamente um anti-nazista e um estridente crítico do regime alemão, a qual endereçou artigos criticando a Antropologia nazista. No período de cárcere, escreveu um de seus mais conhecidos trabalhos falando sobre a dor (Buytendijk, 1948/2018). No ano seguinte, as tropas alemãs tentaram mantê-lo novamente como refém, todavia, conseguiu fugir para Utrecht, cidade ao centro da Holanda. Após a II Guerra, retornou a Groningen e na sua primeira palestra pós-Guerra “[...] começou com

¹ No original: “Within a short period of time Buytendijk became known as a leading European proponent of the scientific approach to animal behavior” (Dekkers, 1995, p.16).

² No original: “He emphasizes the advantages of the phenomenological method of understanding the phenomena of life over the method of causal explanation” (Dekkers, 1995, p.17).

³ No original: “In the 1920s and 1930s Buytendijk increasingly occupied himself with general theoretical problems of animal and human behavior [...]. His best known phenomenological writings cover a wide range of topics, such as youthfulness, rest, play and movement” (Dekkers, 1995, p.17).



uma crítica das teorias raciais nazistas e fez um apelo para a importância dos valores educacionais”⁴ (Stam & Hezewijk, 2012, p.792).

Em 1946 o cientista holandês foi convidado para assumir a cadeira de Psicologia na *Universiteit Utrecht* (Universidade de Utrecht). Dois motivos corroboraram para o convite na cadeira de Psicologia, primeiro, a influência de Martinus Langeveld cuja perspectiva teórica se alinhava com a Fenomenologia. Em segundo lugar, a remoção de Frans Roels que devido ao apoio do regime alemão na II Guerra tornou a sua manutenção insustentável no pós Guerra. Para Stam e Hezewijk (2012, p.792) “[a] nomeação de Buytendijk foi uma surpresa dado que ele não tinha uma formação formal em Psicologia e foi um autodidata em temas psicológicos”⁵

Dekkers (1995) afirma que Buytendijk também teve uma posição na *Universiteit Nijmegen* ao leste da Holanda. Ademais, atuou como professor de Psicologia Comparada na *Universit  Catholique de Louvain* (Universidade Católica de Louvain), na Bélgica. Sem dúvida, assumir essas cadeiras o ajudou nos estudos fenomenológico-existenciais do comportamento humano e animal. Devido a esta atuação como professor de Psicologia é comum Buytendijk ser conhecido como um psicólogo, muito embora, não tenha feito uma graduação na área.

A relação com a Fenomenologia também merece uma atenção especial. Se antes de 1945 a principal referência era Scheler, a partir dessa data Buytendijk passa a ter Maurice Merleau-Ponty como principal base teórica da Fenomenologia. De fato, o tema da psicofísica representa um interesse em comum entre os autores. Dekkers (1995, p. 21) alega que “Merleau-Ponty deve muito a Buytendijk. Ele [Merleau-Ponty] adota muitos dos resultados de Buytendijk e [...] compartilha suas críticas às abordagens objetivistas e elementares da Fisiologia e da Psicologia”⁶. Portanto, até 1945 é Merleau-Ponty que se apoia no autor neerlandês, desta data em diante há uma inversão de papéis e é Buytendijk quem passa a adotar o pensamento de Merleau-Ponty. Para Stam e Hezewijk (2012), a carreira do intelectual holandês como professor de Psicologia e na Antropologia Filosófica se deve, também, ao alinhamento com as ideias de Merleau-Ponty.

Deste marco em diante, Buytendijk passa a empregar em suas obras os conceitos de Merleau-Ponty. De fato, os conceitos de subjetividade encarnada (sujeito como corpo), Ser-no-mundo, existência pré-reflexiva e outros, passaram, cada vez mais, a figurar nos estudos do autor. A Psicologia Fenomenológica que teve contato em *Universiteit Utrecht* passa, também, a fazer parte das suas elaborações. Assim, a contribuição de Buytendijk para a Fenomenologia é uma noção em várias camadas das questões atinentes ao corpo e seus significados.

[...] os seres têm uma natureza que é disponível para as ciências específicas e é objetivamente reconhecível. Ademais, esses seres também têm um corpo que tem uma aparência que é expressiva e significativa, não só objetiva. Finalmente, os seres têm uma existência que incluem para os seres humanos uma existência pré-reflexiva bem como existência que é o fundamento de nossa ação⁷ (Stam & Hezewijk, 2012, p.793).

As ideias de Buytendijk, vinculadas Merleau-Ponty, consubstanciam uma noção de ser humano de um ponto de vista existencial. Este ser existencial está ancorado tanto em bases biológicas e psicológicas quanto antropológicas. Para Dekkers (1995) isso se torna evidente no conceito de Fisiologia Antropológica como base para uma atuação médica.

Na década de 1950, Buytendijk publica vários livros e textos. De acordo com Have e Van der Arend (1985), ele teve papel decisivo na ascensão da Medicina Antropológica cujo auge foi na década de 1950. Dekkers (1995) cita que a Antropologia na Medicina holandesa, na ótica de Buytendijk tinha como ideal o projeto integrado de ciências (Biologia, Fisiologia e Psicologia) e Filosofia (Fenomenologia Existencial). De resto, Have e Van der Arend (1985, p. 4) destacam que o médico, cientista e filósofo holandês “[...] enfatizou que o pensamento e a prática médica é o cuidado e simpatia com seres humanos; medicina não é ciência: ela transcende o conhecimento teórico e os *insights* científicos.”⁸

Em 1957, aos 70 anos de idade, o pensador holandês se aposenta da *Universiteit Utrecht*. Buytendijk (1965) afirma que em decorrência da aposentadoria recebeu o título de professor emérito com a cadeira de Fisiologia para o ensino de Psicologia na sobredita instituição. Quatro anos depois, em 1961, se aposentou da *Universiteit Nijmegen*. Em 1963, se aposenta da função de professor de Psicologia Comparada na *Universit  Catholique de Louvain*. Todavia, em 1964, devido ao falecimento prematuro de Johannes Linschoten (estudante de Buytendijk e a quem ele havia indicado para assumir sua cadeira na *Universiteit Utrecht*) retornou ao antigo cargo e permaneceu até 1966. 1974 é o ano de falecimento de Buytendijk. Com sua morte, se encerra uma carreira intelectual nômade, porém enriquecedora para diversas áreas de conhecimento, Medicina, Fisiologia, Psicologia, Filosofia e, como apontamos aqui, para a Educação Física.

⁴ No original: “[...] he began with a critique of the racial theories of the Nazis and plea for the importance of values in education” (Stam & Hezewijk, 2012, p.792).

⁵ No original: “Buytendijk’s appointment was a surprise given that Buytendijk had no formal training in psychology and was self-taught in matters psychological” (Stam & Hezewijk 2012, p.792).

⁶ No original: “Merleau-Ponty owes much to Buytendijk. He adopts many of the empirical findings of Buytendijk and [...] He [Merleau-Ponty] shares their criticism of objectivistic and elementaristic approaches to physiology and psychology” (Dekkers, 1995, p.21).

⁷ No original: “Buytendijk’s specific contribution to phenomenology consists in [...] a tiered expression of these questions of the body and meaning. [...] [The] beings have a nature that is available to the specific sciences and is objectively knowable. In addition, beings also have a body that makes an appearance that is expressive and meaningful, not just objective. Finally, beings have an existence, which includes for human beings a pre-reflexive as well as conscious existence that is the foundation of our action” (Stam & Hezewijk, 2012, p.793).

⁸ No original: “Buytendijk also emphasized that the basis of medical thought and practice is the care and sympathy for human beings; medicine is not only a science: it transcends theoretical knowledge and scientific insights” (Have & Van Der Arend, 1985, p.4).



Buytendijk e a Teoria do Se-Movimentar Humano

Acreditamos que a educação física deve sofrer mudanças,
para que seja entendida como disciplina pedagógica que valorize o ser humano.
Esta mudança só pode acontecer através de uma nova compreensão de movimento humano
(Surdi & Kunz, 2009, p.207).

Um primeiro passo da Educação Física brasileira em direção à Fenomenologia e na qual o nome de Buytendijk aparece são os estudos de professor Elenor Kunz ou a ele associados. Como mencionam Almeida, Bracht e Ghidetti (2013, p.6), pelo doutorado feito na Alemanha sob a orientação de Andreas Heinrich Trebels, o professor Kunz “[t]eve o mérito [...] de traduzir esse referencial [estudos da Fenomenologia do Movimento] para o Brasil ainda no início dos anos 1990, sendo, desde então, o principal divulgador da ‘Teoria do Se-Movimentar Humano’ (TSMH).” Resumidamente, a TSMH foi criada no contexto holandês-alemão e no Brasil tem no professor Elenor Kunz e seus colaboradores os seus maiores divulgadores (ao menos, no que concerne à área da Educação Física). Mauro Betti (2017) sugere que é graças aos trabalhos de Kunz que as primeiras referências à Teoria do Movimento de Buytendijk passam a figurar na área da Educação Física brasileira. À guisa de síntese:

A TSMH é uma teoria que fornece uma conceituação sobre o corpo/movimento humano e estabelece parâmetros para que os professores compreendam as imagens que fazem de seus alunos ao analisá-los em movimento (em situação de aula). Ou seja, coloca-se potencialmente como possibilidade de fundamentação de uma teoria da EF (Ghidetti, Almeida & Bracht, 2013, p.887).

Betti (2017) afirma que os principais intelectuais desta teoria são os holandeses Jan W. I. Tamboer, F. J. J. Buytendijk, Paul Christian e Carl C. F. Gordijn e na vertente alemã Viktor Von Weizsäcker e Andreas H. Trebels. Buytendijk, afirma Betti (2017), é o precursor da TSMH tendo em vista que ele foi o articulador da noção do movimento como expressividade própria do humano em sua dimensão existencial. Essa perspectiva é vista como um contraste à noção mecanicista do movimento derivado da Física clássica (Mecânica). A discussão do conceito de movimento ocorre na esteira de raciocínio da *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty (2006), publicada em 1945. Como indicado anteriormente, essa discussão ganha notoriedade num momento áureo de debates filosóficos (sobre corpo, movimento etc.) na Educação Física. Embora outros autores tivessem intercambiado ideias da Fenomenologia para a Educação Física é efetivamente com o prof. Kunz, seguindo a tradição da TSMH, que Buytendijk passa a figurar, ainda timidamente, na Educação Física brasileira.

De modo a construir um itinerário do pensamento da TSMH, Betti (2017) assinala que após a obra propedêutica de Buytendijk, Carl C. F. Gordijn é quem vai engendrar uma ideia de “educação do movimento” a partir da Fenomenologia e das ideias do pensador neerlandês. Logo após, no fim da década de 1970 e meados de 1980, ainda na Holanda, Jan W. I. Tamboer retoma as ideias de Buytendijk e Gordijn, faz uma análise crítica e propõe uma “didática do movimento humano” (ou da TSMH). Andreas H. Trebels, autor e pesquisador alemão, recupera essas ideias do contexto holandês e leva à Alemanha. Trebels foi orientador de doutorado do prof. Kunz e é a partir dessa articulação que o brasileiro acessa essa teoria e a proposição teórico-pedagógica do movimento humano. Já no Brasil, Kunz publica *Educação Física: ensino e mudanças* (1991) e *Transformação didático-pedagógica do esporte* (1994) que são duas das principais “portas de entrada” das ideias da TSMH e da noção de movimento a partir de Buytendijk que temos acesso.

A principal obra citada nos estudos brasileiros da TSMH é o livro *Allgemeine Theorie der menschlichen Haltung und Bewegung* (“Teoria geral da postura e do movimento humanos”) (Buytendijk, 1972), publicado em 1948. De acordo com Trebels (2003, p. 254, grifos do autor), Buytendijk preocupa-se por desenvolver uma teoria que diferencia o movimento (deslocamento no tempo e espaço) entendido sob a égide de um paradigma mecanicista, do movimento humano ideado como “[...] um esclarecimento da expressão da vida.” Hildebrandt-Stramann (2001) e Trebels (2003) argumentam que a distinção ideada por Buytendijk serve de arcabouço estrutural para uma “teoria do movimento humano”. Em linhas gerais, essa teoria do movimento respalda uma didática da Educação Física tanto no âmbito escolar quanto no treinamento esportivo.

Trebels (2003), ademais, discute os conceitos de processo e função pelo qual Buytendijk analisa o movimento. Primeiramente, o movimento ideado como processo consiste num objeto de estudo da Física clássica (Mecânica) e das ciências técnicas (as Engenharias). Essas áreas, alega Hildebrandt-Stramann (2001), têm interesse na estruturação de leis naturais, ocorrência e na relação causa-efeito de fenômenos analisados em série como acontecimentos isolados. Posto isso, “[o] engenheiro [e, por consequência, o biomecânico] descreve os eventos de uma máquina e pesquisa suas leis e princípios. Os movimentos de uma máquina são esclarecidos pelo processo” (Buytendijk conforme citado por Trebels, 2003, p.255). Portanto, uma pedagogia do movimento baseada no modelo causal-analítico resulta na eliminação da subjetividade humana e, assim, concebe o corpo humano em movimento tão-somente como um objeto do movimento.

Em contraste, o movimento apreendido como função subentende um organismo vivo. A ideia de função para Buytendijk, lembra Trebels (2003, p.255), consiste numa “[...] totalidade imediata de transformações, significativamente ligada a algo para além delas”. Isto indica que o movimento tem como pré-condição a subjetividade em diálogo com o mundo (mundo-vida) ou, como entende Merleau-Ponty (2006), a ambiguidade da subjetividade encarnada. Na mesma



linha de Merleau-Ponty, Buytendijk assume a posição ontológica em que a unidade primordial humano-mundo é o que alicerça o movimento humano (dimensão existencial). Dito em outras palavras, “[a] capacidade humana de movimentar-se ganha então uma dimensão existencial, como forma singular e original de relação com o mundo, que pode ser designada na experiência de cada um” (Trebels, 2003, p.256). Contudo, a perspectiva fenomenológica-existencialista do movimento humano não descarta o movimento como processo, pelo contrário, estabelece outro campo de diálogo na qual o conceito passa a considerar para além da relação empírico-analítica, o sujeito, o ambiente situacional específico em que o sujeito está em relação ao mundo (temporalidade e espacialidade como extensões do corpo) e o significado do movimento.

Não obstante à destacada posição que Buytendijk assume na TSMH, Ghidetti, Almeida e Bracht (2013) apontam que, em comparação aos demais autores, a presença das suas ideias é pouco destacada. Com efeito, à exceção da crítica ao conceito de movimento como processo, citada anteriormente, e a proposição do movimento como função que ressalta da experiência vivida ou vivência como perspectiva para se pensar a Educação Física, pouco se fala sobre a Teoria do Movimento de Buytendijk. Evidentemente, lembra Betti (2017), a língua representa um grande desafio para a interlocução com as ideias do autor. Mas, também, é possível sugerir que a “opção” por apoiar-se em autores que já transportaram Buytendijk para a TSMH é mais cômoda de um ponto de vista argumentativo. Haja vista, o autor se tornar, nesses moldes, uma referência indireta, que embora seja basilar à TSMH é “inacessível” pela dificuldade da língua e acesso aos originais, fato que não dirime os méritos de Buytendijk ou dos autores da TSMH.

Outros diálogos: Buytendijk, a Teoria Geral de Jogo e o Jogo Humano

Outro debate na qual encontramos menções a F. J. J. Buytendijk, embora ainda seja um autor desconhecido no Brasil, sobretudo, no que concerne aos seus estudos de jogo e do lúdico, é o aporte nos estudos de jogo, brinquedo e brincadeiras no contexto da Educação Física. Grillo, Navarro e Santos Rodrigues (2020) indicam que, não obstante à presença dos estudos e práticas lúdicas e de jogos na Educação Física desde meados do século XIX, a Educação Física não tem levado o jogo “a sério” como conteúdo e temática de investigação. Nesse sentido, embora tenha havido (e ainda há) iniciativas de estudos avançados em jogo/lúdico, os trabalhos de Buytendijk em relação ao jogo foram pouco explorados e entendidos na área. De igual modo, nos momentos em que alguns autores mencionem a contribuição de autor holandês nesse âmbito de estudos – nomeadamente, Scaglia (2003), Freire (2005), Grigorowitschs (2007), Zimmermann (2010) e Carneiro (2015) –, eles se debruçam somente no texto “Jogo Humano” (1977) que está contido na coletânea *Neue Anthropologie* de Gadamer e Vogler e, mesmo assim, não consideraram o mote deste trabalho em sua plenitude.

Para além do texto “Jogo Humano”, Buytendijk tem uma contribuição ímpar aos estudos acerca do jogo, posto que propôs uma Teoria Geral de Jogo nos anos de 1930. Teoria que foi publicada em 1933, sob o título de *Wesen und Sinn des Spiels* (Essência e significado do jogo). Esta obra só chegou no Brasil pela tradução espanhola *El Juego y su significado: el juego en los hombres y en los animales como manifestación de impulsos vitais* (Buytendijk, 1933/1935). Nesta obra, o autor elabora um conjunto rico e articulado de proposições acerca do jogo/jogar como uma Teoria Geral do Jogo. Parte dessas ideias é que vão consubstanciar o capítulo de o “Jogo Humano” que o autor define como uma Antropologia (filosófica) do jogo/jogar.

Mediante o exposto, analisamos que é precípua, nesta seção, delimitar e contextualizar suas teorizações atinentes ao jogo e ao lúdico, com vistas a elucidar sua teoria e, com isso, contribuir com as áreas que estudam o jogo e/ou objetivam a construção de práticas com o jogo, como é o caso da Educação Física. Para tal, a partir deste momento, apresentaremos seus dois textos clássicos e suas convergências, divergências, mas, mormente, suas contribuições que, de certo modo, não foram exploradas, em específico, pela área da Educação Física.

Ao analisarmos a obra *Wesen und Sinn des Spiels*, notamos que Buytendijk estabelece a primeira delimitação entre o jogo e outras coisas: “o jogo é sempre jogo com alguma coisa”. Nessa tentativa de delimitar a extensão do jogo, este intelectual estabelece como análise o contraste das atividades infantis com as atividades do humano adulto: esporte, rituais, festas etc., que para Buytendijk não são propriamente jogo. Pelo contrário, ele as concebe como atividades que preservam as características de um movimento que engendra divertimento, alegria e prazer que, entretantes, não contém a relação com o “objeto de Jogo”. Dessa maneira, é embasado na comparação do humano (as crianças) com os animais e com os próprios humanos adultos que ele vai estabelecer os limites ou a extensão do jogo/jogar.

Em seguida, o autor retoma a noção de objeto de jogo ao afirmar que “[...] a dinâmica do jogar se encontra condicionada por impulsos fundamentais da vida e pela forma de relação com o objeto de jogo” (Buytendijk, 1935, p. 82)⁹. Quanto aos impulsos que impelem ao jogar, ele recorre à Teoria do Impulsos primários de Freud para explicar a “força” que leva ao jogar, afinal, ao contrário da teoria do pré-exercício de K. Groos, aqui não é a natureza biológica que determina o jogo. Por este viés, é a unidade ambivalente dos impulsos de liberdade e de união (destruição e criação) que mobiliza o homem ao jogo/jogar com o objeto de jogo.

Portanto, é em função da unidade ambivalente dos impulsos que “[a] criança destrói o brinquedo porque nela atuam ambos os impulsos [isto é, a criança] destrói o brinquedo porque [ele] oferece resistência e porque [ela, a criança] quer fundir-se com ele [brinquedo]”¹⁰ (Buytendijk, 1935, p.111). Logo, são os impulsos primários de criar e destruir, de

⁹ No original: “[...] la dinámica del jugar se halla condicionada por los impulsos fundamentales de la vida y por los impulsos fundamentales de la vida y por la forma de relación con el objeto de juego” (Buytendijk, 1935, p. 82).

¹⁰ No original: “El niño destroza su juguete porque en él actúan ambos impulsos. Destroza el juguete porque le ofrece resistencia y porque



se libertar e de unir-se ao objeto de jogo que leva as crianças a dedicar à atividade de jogo/jogar.

Este objeto de jogo não é qualquer objeto, mas algo que possua uma figurabilidade ou imagem. Parece-nos que a capacidade que converter-se em imagem ou figurabilidade consiste, *a priori*, em ser um objeto dentro do horizonte de conhecimentos e, ainda assim, ter a capacidade e/ou possibilidade de converter-se em outra figura, metamorfosear-se noutra imagem (caráter pático). Isso posto, adiciona Buytendijk (1935, p. 132), “[u]m objeto, é objeto de jogo na medida em que possui figurabilidade [pois a] esfera do jogo é a esfera das figuras e com isso a esfera das possibilidades, da fantasia”¹¹.

É neste sentido que se avulta a relação recíproca do jogador com o objeto de jogo, na medida em que “[...] jogar não consiste só em que alguém jogue com algo, senão que também algo jogue com o jogador”¹² (Buytendijk, 1935, p. 120). Em síntese, o objeto de jogo se concretiza somente dentro da fantasia (estado de jogo), pois fora dela, na realidade mundana, o objeto perde a patividade, a significação simbólica e torna-se gnóstico (racional).

Outro aspecto abordado por este intelectual, trata-se dos limites do jogo, isto é, o campo de jogo que é, singularmente, definido pelas regras de jogo. Este campo é o que define os limites ou fronteiras do movimento de jogo (passagem da fantasia ao real e vice-versa). Nas palavras do autor, “[...] as regras de jogo não são leis do movimento [unidade ambivalente dos impulsos lúdicos], não determinam o que pode acontecer, senão o que *não* pode acontecer”¹³ (Buytendijk, 1935, p.122). Neste sentido, no interior da dinâmica lúdica, ainda que regulada pelas regras de jogo, há a liberdade de ação. É esta liberdade que preserva a imprevisibilidade ou incerteza do jogo/jogar. Desse modo, esta é uma característica do jogo, ele mantém o incerto dentro de uma margem de certezas, dentro de fronteiras que o delimitam, sendo que nos “jogos primitivos” dos animais tais limites são demarcações reais e biológicas, enquanto que nos “jogos superiores”¹⁴ dos humanos são regras internas ou autorresponsabilidades.

Após definir o conceito de campo de jogo, o autor distingue o jogo de outras atividades humanas como, por exemplo, os esportes, as ginásticas e os exercícios físicos. Na visão de Buytendijk (1935) estas atividades, tipicamente do humano adulto, têm nas regras a sua lógica de ação, ou seja, as regras tornam-se prescrição determinante do movimento lúdico, enquanto no “jogo puro” este movimento é livre, não sujeito às normativas e às prescrições de como agir, mesmo que possua regras.

Em se tratando do texto “O jogo humano”, o autor retoma a discussão relativo ao significado das palavras jogo e jogar em alguns idiomas. Especificamente nesse texto, o autor se utiliza dessa revisão linguística como “porta de entrada” para o anúncio de sua perspectiva teórico-metodológica. Por este viés, logo nos primeiros parágrafos, ela anuncia a incorporação do aporte epistêmico, teórico e metodológico com a Fenomenologia. Nessa perspectiva, o autor depreende que descrever a essência do jogo humano (objetivo fenomenológico) deve-se manter sempre no horizonte de pesquisa os conceitos merleau-pontianos de “subjetividade corporal” (“subjetividade encarnada”) e de “corpo como consciência”. Em linhas gerais, Buytendijk depreende que o jogo tem um elo com o que a Fenomenologia denomina de experiência pré-consciente ou pré-racional, como também destaca Grillo (2018). Portanto, “[t]odo jogo humano é de algum modo relacionado com o fundamento irracional e obscuro dos nossos instintos e paixões, capacidades, disposições, condições e estados de ânimo, e com o também inteiramente inexplicável elemento criador em cada atividade (Buytendijk, 1977, p. 66).

A posteriori, duas noções basilares de Buytendijk referentes ao jogo, são usadas por Gadamer e que de forma errônea foi pouco explorada por pesquisas na área da Educação Física (Freire, 2005; Scaglia, 2003; Carneiro, 2009; 2015). A primeira é da essência do jogo como representação ou autorrepresentação, pois “[o] sujeito do jogo não são os jogadores, porém o jogo, através dos que jogam, simplesmente ganha representação” (Gadamer, 1997, p. 176). A segunda é a de que “[t]odo jogar é um ser jogado” (Gadamer, 1997, p. 181). Podemos observar que estes autores se encontram, em especial, no tocante às noções de figurabilidade e objeto de jogo. Dois temas que alicerçaram a Teoria Geral de Jogo de Buytendijk, em 1933, e que, de tal modo, foram retomadas por ele sob o aporte da Fenomenologia Hermenêutica.

Em seu texto, o intelectual neerlandês retoma a discussão referente à essência do jogo. Esta discussão já existia na obra de 1933, sendo agora retomada quando ela afirma que “[...] precisamos examinar mais de perto o fenômeno que fundamenta qualquer forma de jogo – o *vaivém lúdico*” (Buytendijk, 1977, p. 66, grifos do autor). O movimento lúdico, o ir e vir, traduzido como “vaivém lúdico” (*hind und her bewegung*)¹⁵, é concebido como a essência do jogo/jogar humano e animal, uma vez que, nos animais, há o impulso vital. Em contrapartida, no humano – essa é a tese em sua Antropologia de jogo – há uma diferença entre jogo e lúdico e é ela que vai determinar a distinção do jogo/jogar humano.

Nesta acepção, o jogo é um intermediário entre a fantasia e a realidade da vida cotidiana. Em contraste, o estado lúdico consiste na alternância (movimento) da aparência à realidade. À vista disso, depreendemos que o vaivém lúdico dos animais só permite a entrada num “impulso lúdico”, isto é, na ação vital do movimento físico. Somente no humano há uma alternância ou dialética entre a aparência e a realidade (princípio da consciência de jogo). Destarte, o vaivém lúdico do humano ocorre quando as crianças (próximo dos 4 anos) são capazes de distinguir a ilusão (aparência ou fantasia) da realidade (razão/objetividade).

quisiera fundirse com él.” (Buytendijk, 1935, p. 111).

¹¹ No original: “Un objeto, es objeto de juego en la medida en que posee *figurabilidad*. La esfera del juego es la esfera de las *figuras* y con ello la esfera de las *posibilidades*, de la *fantasía*.” (Buytendijk, 1935, p. 132, grifos do autor).

¹² No original: “[...] jugar no consiste sólo en que uno juegue con algo, sino también en que algo juegue con el jugador” (Buytendijk, 1935, p. 120).

¹³ No original: “[...] las reglas de juego no son leyes del movimiento, no determinan lo que tiene que acontecer, sino lo que no puede acontecer.” (Buytendijk, 1935, p. 122).

¹⁴ “Jogos primitivos” de animais e crianças e “jogos superiores” são expressões usadas pelo próprio autor.

¹⁵ Ver Grillo (2018).



O vaivém lúdico é “[...] um movimento pendular contínuo entre o jogo e a vivência da realidade” (Buytendijk, 1977, p. 67). Assim, o vaivém lúdico indica que o indivíduo (humano) está, continuamente, em movimento nesse “intervalo”, ora arrebatando-se, ora abandonando o estado lúdico por livre vontade ou por outro motivo interno e/ou externo ao ambiente de jogo. Ou ainda, dependendo das situações de jogo, pode retornar ao jogo (ser arrebatado novamente). Convém dizer que mesmo sendo totalmente absorvido pelo jogo, o jogador não deixa a realidade (Grillo, 2018).

No que compete ao essencial do jogo/jogar humano, Buytendijk retoma a noção de objeto de jogo preexistente *Wesen und Sinn des Spiels*. Tal qual nessa primeira obra, o autor define que os objetos de jogo são imagens ou figuras que dizem respeito às coisas e aos acontecimentos em seu caráter pático, licencioso e subjetivo. Na acepção de Buytendijk (1977, p. 68) um “[...] objeto lúdico nunca possui o caráter de um ‘objeto’, de uma ‘coisa’, cujos traços são reconhecidos aos poucos pela técnica e pela razão. Joga-se [...] apenas com algo que somente ganha forma pelo contato, pelo [...] mover e ser movido”. Neste sentido, o diálogo com Gadamer (1997, p. 181) é eminente na medida em que o filósofo alemão depreende que o “[...] verdadeiro sujeito do jogo [...] não é o jogador, mas o próprio jogo”.

Em última instância, o “objeto de jogo” não é o brinquedo, mas aquilo que ganha forma pelo contato, pelo encontro com o jogador, tornando-se o “pivô” do vaivém lúdico e conduzindo o jogador ao estado de tensão/relaxamento e vice-versa na experiência do ato de jogar. Podemos observar aqui, pouca diferença daquilo que o autor já havia desenvolvido em sua Teoria Geral de Jogo em 1933¹⁶.

É nesta perspectiva que emerge a ideia de “assenhoramento do jogador”, cuja tese foi defendida em seu livro *Wesen und Sinn des Spiels*, de 1933, e, a *posteriori*, foi assumida por Huizinga (arrebatamento), Fink (ser raptado) e Gadamer (estado de jogo). Esta noção tem como premissa a vontade do humano de um arriscar-se, quer dizer, de colocar-se à prova, testar-se a si mesmo, como afirmação de si no devir, ou seja, num futuro incerto e misterioso. Tornar-se “vassalo” do jogo, o “senhor do jogador” representa um colocar-se em risco que “[...] pode ter o caráter de uma probabilidade relativamente elevada, mas também uma probabilidade totalmente misteriosa” (Buytendijk, 1977, p. 82). Vinculado a este, existe o significado do jogo como linguagem do desejo, anterior à fala, capaz de evocar uma série de comportamentos lúdicos e, além disso, transformar o mundo e o próprio ser.

Ademais, Buytendijk retoma alguns dos temas já tratados no decorrer de seu texto, além de ampliar algumas discussões sem, propriamente, resolvê-las. Ao apresentar a noção de essência humana, Buytendijk (1977, p. 78) argumenta que “[c]om a descoberta da linguagem, a criança encontra finalmente a sua humanidade autêntica”. Conclui o autor: a linguagem não é apenas um campo de possibilidades, de potência de criação, mas, também, a limitação do significado. Na visão de Buytendijk, é precisamente nesse aspecto ambíguo que repousa a existência humana, haja vista ela ser a “porta de entrada” no mundo simbólico, quer dizer, uma possibilidade de emancipação das condições biológicas e, *pari passu*, uma limitação ao sistema de símbolos de uma cultura. O pensador holandês passa a conferir uma ênfase na vertente da linguagem como emancipação, vindo a resgatar de sua Teoria Geral de Jogo a perspectiva do juvenil como a coragem de arriscar-se, como a condição de jogo e criação (arte). Neste contexto, o jogo/jogar é sempre arriscar-se frente à existência. A vivência lúdica já apresentada é, de certa maneira, uma “suspensão” da existência cotidiana. Por meio dessa relação com o risco, com a aventura existencial, que o autor vai apresentar os diversos significados de jogo.

Buytendijk afirma que a linguagem é essencial ao humano, dado que é por ela que nos tornamos humanos. Ora, cabe observar que o jogo e a linguagem enunciam vários significados. Para alguns, o jogo/jogar é uma metáfora da linguagem (Henriot, 1969; 1989), para outros o que há são jogos de linguagem (Wittgenstein, 1999) e, numa terceira via, há quem afirme que o jogo é linguagem (Benveniste, 1947). Para estes últimos, a dupla experiência do jogo/jogar é ideada como imaginação para a vida intelectual. Deste modo, “[a] linguagem como jogo é ‘aquilo que brinca envolvendo os jogadores’ [...] não se fala de um jogo com a linguagem, mas do jogo da própria linguagem que se dirige a nós, propõe, retira, pergunta e na resposta se auto-realiza” (Buytendijk, 1977, p. 85). Sob esse prisma, subjaz a ideia de que o jogo/jogar não tão-somente é uma atividade humana, porém constitui, em sentido pleno, a própria humanidade.

De resto, é fundamental trazermos as críticas contundentes de Buytendijk à obra *Homo Ludens* de Huizinga¹⁷, para quem o jogo é anterior à própria cultura, na medida em que também os animais jogam. Se para Huizinga (2012, p. 7), há motivos para acreditar que todas “[a]s grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde o início, inteiramente marcadas pelo jogo”, na visão de Buytendijk, o que seu conterrâneo faz no *Homo Ludens* é uma descrição superficial dos elementos lúdicos da cultura. A crítica de Buytendijk é que falta a Huizinga uma análise aprofundada de tais atividades humanas e é devido a isso que o historiador holandês confunde o comportamento com a existência cometendo o equívoco de ignorar a diferença da intencionalidade do jogo/jogar e com a das manifestações espontâneas da cultura.

Por fim, depreendemos que sua obra merecia melhor apropriação pela área da Educação Física, quando se trata do jogo e do lúdico. Nessa perspectiva, defendemos que as suas ideias precisam ser mais bem estudadas e contextu-

¹⁶ Essa concepção de Buytendijk atinente ao “objeto de jogo”, influenciou eminentes teóricos do Jogo, tais como: Daniil B. Elkonin, Hans Gadamer, Hans Scheuerl.

¹⁷ Huizinga é um autor muito recorrido no contexto da Educação Física, quando o assunto é jogo. Temos várias pesquisas que se fundamentam neste autor para caracterizar e definir o jogo. Todavia, é essencial citarmos que as apropriações sobre a obra deste autor também foram equivocadas e reducionistas, sendo utilizadas para justificar o jogo na escola e/ou definir o jogo como eixo temático. Sabemos que o livro de Huizinga é um clássico, porém, defendemos que há certos equívocos na obra *Homo Ludens*, tais como: idear o jogo como qualquer tipo de manifestação histórico-cultural: dança, política, práticas jurídicas, arte, rituais sagrados, guerra, etc.; a não compreensão do autor no tocante à diferença entre lúdico e jogo; a concepção de que o jogo é anterior a cultura, em outras palavras, o jogo seria inato (confusão entre jogo e comportamento lúdico); sua análise estrutural e limitada referente ao jogo e ao jogar; a concepção de que jogo e ritual são fenômenos análogos.



alizadas nas pesquisas (quando usadas), dado a riqueza de suas teorizações, assim como, por possuir um itinerário metodológico cognoscível de como investigar o jogo/jogar humano. Ora, é de basilar importância dizer que na visão de Buytendijk (1935; 1977), para investigar o fenômeno lúdico é preciso transcender as fronteiras epistemológicas, ou, se quiser, é preciso ir do senso comum à filosofia, sem esquecer, é claro, que nesse itinerário há paradas obrigatórias no portos científicos (bio-psicológicos e sociais).

“Um passo mais além”: Convergências (possíveis) e cuidados para uma aproximação das ideias de F. J. J. Buytendijk à área da Educação Física

À guisa de síntese, apontamos que o objetivo inicial desse trabalho foi ampliar as convergências de F. J. J. Buytendijk com a área da Educação Física mediante a descrição da trajetória de pensamento e atuação do estudioso holandês e de uma revisão das apropriações que autores da Educação Física tem realizado das ideias desse autor. A trajetória intelectual de Buytendijk é marcada pela ruptura com as fronteiras disciplinares e o engendramento de uma perspectiva de humanidade que atravessa o senso comum, a religião, as ciências e a filosofia. Nesse sentido, depreendemos que Buytendijk foi um pensador singular que, como poucos, conseguiu observar o humano em sua dimensão existencial (em movimento, no mundo e em diálogo com o mundo, construindo e se constituindo humano), numa perspectiva que transcende as visões parciais e fragmentadas do ser humano sejam elas das ciências ou da filosofia.

Embora tenha investigado muitos e diversos temas ao longo de sua carreira (juventude, jogo, lúdico, descanso, movimento, dor, encontro etc.) esse autor é desconhecido em diversas esferas acadêmicas. Segundo Dekkers (1995), a comunidade dos fisiologistas o considera muito teórico, a comunidade dos psicólogos vê suas ideias carentes de fundamentação experimental e a comunidade dos filósofos o concebe como um autor muito empírico e com pouca reflexão abstrata. Ao que tudo indica, o seu ecletismo não foi bem visto pelas comunidades acadêmicas, contudo, no caso da área da Educação Física há nuances singulares em relação aos estudos de Buytendijk. Destarte, não obstante às raras e esparsas menções que são feitas a Buytendijk, o estudioso holandês ainda permanece como um autor incompreendido ou, senão, desconhecido.

Um primeiro passo em direção a uma aproximação entre Buytendijk e a Educação Física foi feita pelo próprio autor investigando temas em comum com a área (por exemplo, o jogo, o lúdico, o futebol etc.). Posteriormente, a constituição da TSMH no contexto holandês-alemão e a sua divulgação no cenário da Educação Física brasileira feita, em especial, por Elenor Kunz lhe concedeu uma posição de destaque nesse âmbito. Buytendijk é descrito como um precursor da Teoria do Movimento pelo viés da fenomenológico-existencial. Baseando-se nessas ideias, autores da TSMH criaram uma “educação e didática do movimento” que, na Educação Física brasileira, foi concebida como a fundamentação teórica dessa área de conhecimento.

No entanto, indicamos no texto que Buytendijk não contou com uma leitura adensada, ao menos no contexto brasileiro, das obras atinentes a sua Teoria do Movimento, com destaque para o livro *Allgemeine Theorie der menschlichen Haltung und Bewegung* (Buytendijk, 1948). Evidentemente que a língua e o acesso aos textos originais são grandes dificuldades a serem consideradas. Todavia, parece-nos que a singular posição de referencial “inacessível” pode ser vista como uma confortável estratégia argumentativa na medida em que não permite debater as ideias que sustentam as proposições dos autores. Portanto, parece-nos ser de vital importância estudar novamente as obras originais de Buytendijk no intuito de adensar o debate incitado pela TSMH no contexto da Educação Física brasileira.

Outro passo tímido da Educação Física em direção a Buytendijk é via estudos de jogo, lúdico, brinquedo e brincadeiras. À vista disso, apesar de ter duas obras propedêuticas aos estudos de jogo e lúdico, Buytendijk ainda tem permanecido à sombra de seu conterrâneo Johan Huizinga e seu *Homo Ludens*, publicado inicialmente em 1938. Antes de Huizinga, Buytendijk já havia feito uma importante contribuição aos estudos de jogo/lúdico arquitetando uma Teoria Geral do Jogo que, posteriormente, foi retomada e ampliada, em “Jogo Humano”, capítulo de livro publicado em 1973 com uma versão traduzida para o português de 1977. Resumidamente, os autores da Educação Física brasileira geralmente tendem a negligenciar *Wesen und Sinn des Spiels*, traduzido para o espanhol como *El Juego y su significado: el juego en los hombres y en los animales como manifestación de impulsos vitais* (Buytendijk, 1933/1935). E, ademais, ainda quando se apropria do texto “Jogo Humano” tendem a não considerar a obra em sua totalidade, deixando em segundo plano aspectos fundamentais na elaboração teórica do autor.

No que tange ao *Homo Ludens* de Huizinga (1938/2012), a Educação Física brasileira tem construído um ideário que assume essa obra e esse autor como o principal referencial dos estudos de jogo/lúdico, seja no contexto escolar ou no extraescolar, muito embora Huizinga não tenha proposto nenhuma articulação para o jogo no âmbito pedagógico ou educativo. Por outro lado, Buytendijk em sua Teoria Geral de Jogo e na Antropologia de Jogo chegou a fazer certas considerações a respeito do processo de desenvolvimento das crianças que merecem a atenção de estudiosos da área. Além disso, no texto “Jogo Humano” o próprio Buytendijk (1977) faz críticas a Huizinga que, aparentemente, passaram despercebidas na Educação Física brasileira.

Em vista do que exposto neste trabalho, concluímos apontando que os estudos de F. J. J. Buytendijk podem substanciar uma série de pesquisas e práticas no âmbito da Educação Física. Entrementes, consideramos também que as obras do autor mereciam (e merecem) uma melhor apropriação dos estudiosos da Educação Física brasileira que, de fato, têm um grande mérito de dar os primeiros passos na aproximação com esse autor. Mas, agora, parece-nos ser preciso dar um “passo além” e/ou “aumentar a passada” rumo a outros debates e elaborações. Em vista disso, argumen-



tamos que as obras do estudioso holandês quanto apropriadas precisam ser mais bem estudadas e contextualizadas, haja vista a riqueza de suas elaborações teóricas que, indubitavelmente, podem contribuir com a Educação Física tanto no que concerne às investigações temáticas quanto aos itinerários metodológicos de pesquisas nesse mote.

Referências

- Almeida, F. Q., Bracht, V. & Ghidetti, F. F. (2013). A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. *Educación Física y Ciencia*, 15(2), 3-18. Recuperado em 20 de Agosto de 2020, de http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5973/pr.5973.pdf
- Benveniste, É. (1947). Le Jeu comme structure. *Deucalion*, (2), 161-167.
- Betti, M. (2017). A teoria do se-movimentar em perspectiva semiótica. Em P. N. Gomes-da-Silva & I. O. Caminha. *Movimento humano: Incursões na educação e na cultura* (pp.61-69). Curitiba: Ed. Appris.
- Buytendijk, F. J. J. (1935). *El juego y su significado: el juego en los hombres y en los animales como manifestación de impulsos vitales*. Madrid: Revista de Occidente.
- Buytendijk, F. J. J. (1965). *Psicologia do futebol*. São Paulo, SP: Herder (originalmente publicado em 1953).
- Buytendijk, F. J. J. (1965). *L'homme et l'animal: essai de psychologie comparée* (R. Laureillard, Trad.). Gallimard.
- Buytendijk, F. J. J. (1972). *Allgemeine Theorie der menschlichen Haltung und Bewegung*. Berlin – Hildeberg – New York: Springer.
- Buytendijk, F. J. J. (1977). O jogo humano. Em H.-G. Gadamer & P. Vogler. *Nova antropologia: antropologia cultural* (v.4) (pp.63-87). São Paulo: EPU/Edusp. (Originalmente publicado em 1973).
- Buytendijk, F. J. J. (2018). A problemática da dor psicologia-fenomenologia-metafísica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 24(1), 101-113 (Original de 1948). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v24n1/v24n1a12.pdf>
- Castellani Filho, L. (1991). *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus.
- Carneiro, K. T. (2009). *O jogo na educação física escolar: uma análise sobre as concepções atuais dos professores*. (Dissertação de mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- Carneiro, K. T. (2015). *Por uma memória do jogo: a presença do jogo na infância das décadas de 20 e 30*. 2015. (Tese de doutorado em Educação), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- Cunha Júnior, C. F. F. (2004). Organização e cotidiano escolar da “Gymnastica” uma história no *Imperial Collegio de Pedro Segundo*. *Perspectiva*, 22(esp.), 163-195. Recuperado em 21 de Agosto de 2020, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10354/9628>
- Dekkers, W. J. M. (1995). F. J. J. Buytendijk's concept of an anthropological physiology. *Theoretical Medicine*, 16, 15-39. Recuperado em 21 de Agosto de 2020, de <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00993786>
- Depraz, N. (2011). *Compreender Husserl* (F. dos Santos, Trad.). 3.ed. Petropolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1999).
- Fagot-Largeault, A. (2009). Anthropological Physiology: von Uexkull, Portmann, Buytendijk. Em A. Berthoz & Y. Christen (Ed.). *Neurobiology of “Umwelt”: How Living Beings Perceive the World*. Springer Science & Business Media.
- Freire, J. B. (2005). *O Jogo: entre o riso e o choro*. - 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Gadamer, H.-G. (1997). *Verdade e método*. (F. P. Meurer, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1960).
- Ghidetti, F. F., Almeida, F. Q. & Bracht, V. (2013). A presença da fenomenologia na/da Teoria do Se-Movimentar Humano (TSMH) brasileira. *Pensar a prática*, 16(3). Recuperado em 21 de Agosto de 2020, de <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/19554>
- Grigorowitschs, T. (2007). *Jogo, processos de socialização e mimese...* Uma análise sociológica do jogar infantil coletivo no recreio escolar e suas relações de gênero. (Tese de doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo.



- Grillo, R. M. (2018). *Mediação semiótica e jogo na perspectiva histórico-cultural em educação física escolar*. (Tese de doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas.
- Grillo, R. M., Navarro, E. R. & Santos Rodrigues, G. (2020). "Uma luta contra moinhos de vento": concepções de jogo em 8 propostas curriculares brasileiras de Educação Física pós LDB/1996. *Corpoconsciência*, 24(2), 118-132. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10775>
- Have, H. T. & Van Der Arend, A. (1985). Philosophy of medicine in the Netherlands. *Theoretical Medicine*, 6(1), 1-42. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/4023955/>
- Henriot, J. (1969). *Le Jeu*. Paris, França: Presses Universitaires de France.
- Henriot, J. (1989). *Sous couleur de joueurs: La métaphore ludique*. Paris: Ed. José Corti.
- Hildebrandt-Stramann, R. (2001). *Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física*. - Ijuí: Ed. Unijuí.
- Huizinga, J. (2012). *Homo ludens: O jogo como elemento da cultura* (J. P. Monteiro, Trad.). 7. ed. São Paulo: Perspectiva. 2012. (Originalmente publicado em 1938).
- Kunz, E. (1991). *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí, RS: Editora Unijuí.
- Kunz, E. (1994). *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ed. Unijuí.
- Machado, T. S. & Bracht, V. (2016). O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da "teoria do reconhecimento" de Axel Honneth. *Movimento*, 22(3), 849-860. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/60228>
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Santos Rodrigues, G. & Grillo, R. M. (2019). Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty: notas para uma sugestão de (re)leitura da obra na Educação Física. Em I. C. Dóí (org.). *Leituras de filosofia e ciências humanas na Educação Física* (p.121-147). Ananindeua: Itacaiúnas, 2009.
- Scaglia, A. J. (2003). *O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes*. (Tese de doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas.
- Stam, H. J., & Hezewijk, R. v. (2012). Phenomenological Psychology in the Netherlands. Em R. W. Rieber (Ed.). *Encyclopedia of the History of Psychological Theories* (pp. 789-795). New York: Springer.
- Surdi, A. S. & Kunz, E. (2009). A Fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. *Movimento*, Porto Alegre, 15(2), 187-210. Recuperado em 25 de agosto de 2020, de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3054>
- Thines, G., & Zayan, R. (1975). F. J. J. Buytendijk's contribution to animal behaviour: Animal psychology or ethology? *Acta biotheoretica*, 24(3-4), 86-99. Recuperado em 25 de agosto de 2020, de <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01556996>
- Trebels, A. H. (2003). Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano. *Perspectiva*, Florianópolis, 21(1), 249-267. Recuperado em 25 de agosto de 2020, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10234>
- Wittgenstein, L. (1999). *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1953).
- Zimmermann, A. C. (2010). *Ensaio sobre o movimento humano: Jogo e Expressividade*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Recebido em 18.10.2020 – Aceito em 17.01.2021